Às almas corajosas que queimaram as pontes entre elas e os seus demónios.
E a todas as que continuam a tentar acender o fósforo —
esperaremos por vocês.



E a Deanna, Becca e Night, que me ajudaram a permanecer sã
para que este livro pudesse existir. Obrigada por atenderem
sempre as minhas chamadas.

AVISO DE CONTEÚDO

Esta obra inclui conteúdo sexual explícito, sangue, morte, alguma violência, referências a drogas, uso excessivo de álcool, automutilação e bebidas alteradas com um afrodisíaco mágico. Uma lista mais completa de conteúdo encontra-se disponível no *website* da autora.

Hierarquia de Seres Paranormais



Outros Seres Paranormais Imortais	Seres Paranormais Mortais
Vampiros	Necromantes
Metamorfos	Videntes
Familiares	Bruxas
Espíritos	Espectros

Classificação de Assombrações

Assombrações de Sombra

Tipo mais comum de Assombração, capazes de controlar sombras, assim como de se transformarem em sombras para se moverem pela escuridão a grande velocidade. As suas sombras possuem propriedades curativas. Recarregam a sua magia com um sono profundo.

Assombrações de Luz

Capazes de controlar a luz e o fogo e, em alguns casos, conseguem usar a luz para se transportarem através de longas distâncias. Possuem a capacidade de curar os outros com rapidez. Usam o sol para recarregar a sua magia.

Assombrações de Sangue

Capazes de controlar sangue. Podem também controlar os outros dando-lhes parte do seu próprio sangue. Recarregam a sua magia drenando a energia de outros seres vivos.

Assombrações do Vazio

Tipo mais raro de Assombração. Conseguem tornar-se e a outros invisíveis, e conseguem também controlar a luz e as sombras. São capazes de abrir portais entre lugares e planos lineares diferentes, e conseguem pausar o tempo em intervalos muito pequenos, embora isso lhes custe uma enorme quantidade de energia.

«Saí com lanternas, à procura de mim mesma.»

— Emily Dickinson



PRÓLOGO

Trevas

O Inferno era feito de trevas rodopiantes e segredos, tal como o homem à sua frente.

— Odeio-te — jurou ela, enquanto os enliços negros de magia que deslizavam das mãos dele se enrolavam nos seus pulsos e garganta, empurrando-a de novo contra a parede do labirinto. A energia sensual, que zunia constantemente sobre a sua pele sempre que se encontrava assim tão perto dele, fê-la cerrar os dentes enquanto resistia ao fluxo de atração que lentamente lhe aquecia as veias. Da última vez em que aquelas sombras a envolveram daquela maneira, havia muito menos roupa entre eles.

Ele seguiu as próprias sombras, avançando até encostar o peito ao dela.

— Amor. Ódio. A mesma paixão sob nomes diferentes — proclamou ele. — E quão fácil e rapidamente essa linha se torna ténue, não achas?

— Não — respondeu ela, furiosa. — Não creio que nada seja tão claro para mim quanto o facto de que te *odeio*.

Inclinando-se lentamente para baixo, até encostar os lábios ao seu ouvido, ele disse:

— Prova-o.



O INÍCIO





1



PRESSÁGIOS

Foi no coração de Roma que Genevieve viu o seu primeiro bando de corvos.

De início, os corvos apareciam um de cada vez. Grasnavam ao longo da sua caminhada matinal até à *pasticceria* que se tornara o seu lugar favorito para tomar o pequeno-almoço. As tartes de compota de lá seriam uma das coisas de que mais sentiria falta quando deixasse Roma para trás e mergulhasse no desconhecido em frente.

Todas a manhãs da semana anterior, ela fizera, desfizera e voltara a fazer as malas, preocupada por poder ter escolhido os vestidos errados ou esquecido o seu perfume preferido — ou qualquer outra das coisas que pensava poderem causar a melhor primeira impressão. Durante a tarde, explorava a cidade, tentando visitar todos os marcos históricos mais importantes em poucos dias, para que a irmã, Ophelia, nunca suspeitasse que se desviara do itinerário acordado.

Ou fora essa a desculpa que dera a si mesma.

Na verdade, estava a empatar. A pensar que talvez fosse um erro prender tantas esperanças num estranho que nem sequer sabia da sua existência. Ou que devia esperar por um sinal claríssimo antes de desfazer todos os planos cuidadosamente elaborados pela irmã.

Fora ao pequeno-almoço poucos dias antes, na *pasticceria*, que reparara pela primeira vez que os corvos estavam a agir de forma estranha. Um dos diabretes observara-a de um oleandro cor-de-rosa em flor, enquanto ela beberricava chocolate quente na esplanada da pastelaria e

folheava um livro — um *grimoire* da coleção de Ophelia que enfiara às escondidas na mala. Genevieve olhara para a ave, e reparara em algo demasiado astuto no seu olhar. Algo inatural. Mas nunca lhe passara pela cabeça que pudesse ser *sobrenatural*.

Nem a hipótese de que as criaturas plumadas se tornassem verdadeiros presságios.

Contudo, no dia seguinte, ao primeiro corvo juntou-se outro, trocando guinchos enquanto ela caminhava para a feira da ladra de Porta Portese, e de novo enquanto regressava à casa citadina que Ophelia lhe arrendara para a duração da viagem. Foi nessa noite que o par se tornou um trio, bicando a janela do seu quarto até bem depois das horas das bruxas.

Mas apesar de ser bastante claro que havia algo estranho nas aves, Genevieve ainda não estava preparada para enfrentar as suas suspeitas quanto à razão de a perseguirem. Foi apenas após visitar o Coliseu, onde deveria ter sido um rosto indistinto por entre o mar de turistas igualmente típicos, que os corvos se tornaram impossíveis de ignorar.

Vestira-se para o dia da forma menos vistosa que conseguia, esperando que talvez isso pudesse ajudar a mitigar qualquer atenção indesejada por parte das aves. O vestido era de *chiffon* rosa, a bainha e mangas com folhos adoráveis, e prendera o cabelo castanho-dourado num puxo simples no cimo da cabeça. Não se deu ao trabalho de calçar luvas nem de colocar nenhum tipo de joia — tal como ela, os corvídeos apreciavam demasiado as coisas brilhantes.

O seu esforço foi recompensado quando a caminhada até ao velho anfiteatro decorreu sem incidentes. Os seus passos permaneceram constantes enquanto se afastava cada vez mais da casa sem avistar uma única criatura plumada. Nem tão-pouco foi perturbada enquanto seguia o guia turístico pelo magnífico monumento.

Não, foi apenas quando o Sol finalmente se pôs abaixo do horizonte, transformando tudo de um dourado quente para um prateado frio, e Genevieve saiu de novo para a rua com o resto do grupo de turistas, que o grasnar do bando se revelou. Havia um corvo empoleirado em cada telhado e candeeiro de rua, e a cena de uma centena de olhares desconfiados, fixados no seu rosto no meio da multidão agitada, ficaria

provavelmente para sempre gravada na sua memória. Assim como o eco da sensação de ardor nos seus pulmões enquanto corria pelas ruas calcetadas de Roma, perseguida pelos pássaros num frenesim de guinchos e asas.

Os corvos nunca a magoaram, nunca a deixaram com um único arranhão na pele quando voaram demasiado baixo e provocaram gritos de terror na multidão à sua volta. Nem lhe tocaram sequer num único fio de cabelo. Apenas lhe deram a sensação inescapável de ser apressada.

Ela esperara por um sinal e certamente conseguira-o.

— Eu vou! — gritou ela às aves. — Só preciso de mais um tempinho!

Foi então que os corvos se aproximaram *mesmo* dela — as asas a roçar-lhe o cabelo, as costas, as saias —, empurrando-a em direção à casa, cada vez mais depressa.

Ela percorreu o caminho até à porta da frente em passos pesados, os dedos atabalhoadamente à procura da chave dourada no bolso da capa que vestia, enquanto os pássaros voavam pelo ar e começavam a aterrar nos parapeitos das janelas e na varanda acima. Genevieve enfiou a chave na fechadura e esperou pelo clique antes de empurrar a porta e correr para as escadas.

Mas porque é que pedi um sinal?, repreendeu-se mentalmente. *Agora não posso adiar mais.*

Abrindo de rompante a porta dupla da suíte principal, içou uma das malas para cima da cama. Encolheu-se quando bicadas frenéticas começaram a reverberar contra a janela da parede ao fundo. Garras arranhavam o vidro, provocando um ruído estridente e arrepiante enquanto penas negras esvoaçavam sobre as vidraças.

Atirando vestidos, saias e roupa interior para cima da cama, Genevieve resmungou:

— Está aqui algures.

Quando finalmente alcançou o fundo da mala e pegou no item que procurava, as bicadas cessaram.

Tratava-se de um envelope preto com um desenho intrincado gravado em filigrana, com padrões rodopiantes em folha de prata

cintilante. O selo de cera a condizer tinha uma imagem de um ramo partido, adornado com rosas selvagens e bagas, e uma enorme letra «S» incrustada no centro. No interior havia uma folha do mais luxuoso pergaminho aveludado em que alguma vez tocara, e as palavras elegantemente escritas com tinta de um rico tom de safira.

Genevieve retirou a carta do envelope já rasgado, abrindo-a ao mesmo tempo que uma sensação pesada se assentava sobre os seus ombros. O seu sangue começou a aquecer quando a leu mais uma vez.

Da Propriedade Enchantra

Minha cara Tessie,

As minhas profundas desculpas por ter demorado tanto tempo a responder. A situação com a minha família tornou-se ainda mais complicada ao longo dos anos e receio que o tempo me tenha escapado. Não te vou maçar demasiado com os pormenores.

Sei que temos muito para discutir, mesmo além dos tópicos das tuas cartas, e, como tal, devo insistir que o façamos pessoalmente.

Devo expressar o meu mais ardente desgosto por termos deixado as coisas como ficaram e por não te ter contactado antes, mas gostaria muito de retificar os meus erros.

Juntamente com esta carta, envio um pequeno donativo para as tuas despesas de viagem. Por favor, não o consideres um ato de caridade, pois conheço-te muito bem, mas antes por termos tanto dinheiro que nem eu nem a minha família sabemos o que fazer com ele, e é o mínimo que posso oferecer para retomarmos a nossa amizade. Sei que o equinócio de primavera está para breve, mas insisto que nos visites antes da véspera, pois terei uma pequena licença sabática dos meus deveres para com o Knox. Na verdade, exijo que nos faças uma visita. Ademais, as bagas-do-demónio estarão perfeitamente maduras.

Espero ver-te em breve.

O teu velho amigo,

Barrington Silver

Quando abrira a carta pela primeira vez em casa, reparara que a tinta de algumas das letras escorrera ligeiramente, fazendo com que partes de certas palavras parecessem mais espessas do que outras. Revelando uma forma demasiado familiar por entre as linhas.

Um corvo.

— Malditas aves — resmungou.

O presságio era agora bastante evidente — assim como a sensação que emanava do pergaminho. O ligeiro zumbido de calor que sentia era um para o qual se andava a treinar para reconhecer nos últimos meses. Magia.

Sei que o equinócio de primavera está para breve, mas insisto que nos visites antes da véspera.

Genevieve sempre tencionara deixar Roma muito antes do equinócio, mas entre os nervos e todas as atrações turísticas da cidade…

Mais vale tarde do que nunca, certo?

Enfiou o convite de novo dentro das páginas do diário e fechou a mala. Estava na hora.

Atrás dela, o ruído do bando de corvos alcançara um crescendo, os bicos a bater nas vidraças com tanta força que ela não sabia como ainda não se tinham estilhaçado. O grasnar das aves trovejava ao mesmo tempo que as suas asas frenéticas continuavam a bater, sincronizadas com o coração de Genevieve.

— Estou a ir — rosnou ela enquanto arrastava a bagagem de cima da cama para o chão, quase demasiado pesada para transportar.

Mas quando finalmente se virou, pronta para partir, as aves haviam desaparecido.

VÉSPERA DO EQUINÓCIO DE PRIMAVERA



2



O CONVITE

A luz vespertina entrou pela janela, iluminando o vagão-cama da primeira classe com uma encantadora tonalidade dourada. A paisagem campestre da Toscânia do outro lado da janela era provavelmente uma das vistas mais arrebatadoras que alguma vez vira, mas Genevieve não conseguia sequer olhar para ela, com os seus nervos em franja à medida que o comboio viajava a alta velocidade até ao seu destino.

O último dos carrinhos do almoço passou pelo corredor do lado de fora do compartimento, o som dos copos e pratos a tilintar uns contra os outros a desvanecer lentamente enquanto passava. Genevieve bateu com o pé no chão num ritmo constante de impaciência enquanto esperava que o comboio fizesse a sua próxima paragem.

A viagem pelas regiões rurais italianas fora desconfortável, esgotante, e, pior que tudo, *entediante*. De início, tentou reler os livros que levava na mala, mas depois de confirmar que a praga de corvos que a seguia era provavelmente o resultado de um feitiço malicioso, depressa se enfadou.

Levando a mão direita à esquerda, tentou mexer no anel que continuava a esquecer que já não usava. Pousou de novo as mãos no colo com um suspiro de frustração. Estar encurralada dentro das mesmas quatro paredes, sem uma única alma interessante com quem falar, era a sua versão pessoal do Inferno. Sentia que já o fizera o suficiente durante a sua infância na Mansão Grimm.

Enquanto a falecida mãe, Tessie Grimm, treinava a irmã na arte da Necromancia, Genevieve tinha apenas os seus animais de peluche

e bonecas com quem falar. Sendo a mais velha, Ophelia seria a única a herdar a magia da mãe, e Genevieve demorara anos a compreender como a atenção da mãe em Ophelia a fizera sentir-se como se fosse filha única. E deixara-a com uma necessidade constante de estar no meio de uma multidão. Ou na cama de outra pessoa.

Genevieve acostumara-se a esconder a própria magia, aterrorizada que a mãe descobrisse o seu poder e a fechasse em casa como fez com Ophelia. Dissera a si mesma que não queria ter nada que ver com o mundo bizarro de Tessie Grimm. Então, a mãe morrera, apenas poucos meses antes, e Ophelia assumira o legado da família. Em vez da abordagem da mãe, Ophelia decidira abraçar o título de Necromante, tornando-se uma espécie de solucionadora de problemas para qualquer ser paranormal que batesse à porta da Mansão Grimm nos últimos meses — Bruxas, Espíritos, Vampiros, *Diabos* —, o que fez com que Genevieve percebesse quão voluntariamente ingénua fora sobre o mundo.

A sua experiência em Phantasma — a competição infernal em que ela e Ophelia entraram no outono passado — fizera-a querer aprender o mais possível sobre tais coisas paranormais. A própria competição não preocupara muito Genevieve quando entrou. Ela sabia que o seu tipo particular de magia herdada — do pai que partilhava com Ophelia — tornaria mais fácil evitar todos os horrores físicos e testes no interior da Mansão do Diabo. Mas fora frustrante pensar que, se não tivesse tal magia, provavelmente não duraria nem um dia na competição.

Tivera várias oportunidades para contar a Ophelia sobre o seu desejo recente de aprender. Mas de cada vez que Genevieve tentara, vira-se incapaz de admitir quão tola fora. Como andara a fugir da família, de si mesma, durante tanto tempo.

Nem estivera preparada para admitir qual a *maior* razão para ter parado de escarnecer do paranormal: porque já não estava a tentar ganhar o afeto de um homem que nunca a amara…

Ouviu-se um assobio, interrompendo-lhe os pensamentos para anunciar que o comboio em breve chegaria à paragem seguinte — Florença. A cidade mais próxima do destino final de Genevieve.

O reflexo de Genevieve na janela animou-se.

Estava tão perto agora. Tão perto de descobrir outra família como a sua.

Enfiou a mão no bolso da capa e tirou de lá uma fotografia. Encontrara-a no quarto da mãe, escondida entre outras recordações da vida que Tessie Grimm levara antes de assentar em Nova Orleães. Uma vida da qual nem Ophelia sabia.

A fotografia em tons sépia mostrava um homem ao lado de Tessie Grimm, com o braço em volta dos ombros dela de uma forma que tornava bastante evidente o à-vontade que tinham um com um outro. Mas o que atraía sempre o olhar de Genevieve era o facto de ambos usarem medalhões idênticos em forma de coração.

Desde o momento em que encontrara a fotografia, Genevieve dera por si a fazer as mesmas perguntas. Sabia que o medalhão da mãe estava ligado à linhagem da família, que sempre estivera destinado a passar para Ophelia quando a mãe morresse. Seria o homem na fotografia também um Necromante? Teria filhos? Seria algum deles… como ela?

E, assim, a sua curiosidade aumentara com o passar dos anos. Até não conseguir mais resistir.

Virou a fotografia e leu os nomes na parte de trás, escritos na letra elegante da mãe.

Barrington Silver e Tessie Grimm.

O silvo agudo do apito a vapor ecoou uma segunda vez, e Genevieve enfiou a fotografia no fundo do bolso da capa. O chocalhar rítmico das rodas do comboio sobre os carris diminuiu gradualmente conforme se aproximavam da nova estação, o zumbido suave do motor silenciando-se lentamente quando se levantou para pegar nos seus pertences.

Apesar da indicação do convite de visitar Enchantra *antes* da véspera do equinócio, não podia imaginar que o Sr. Silver a mandaria embora. Em primeiro lugar, devido ao fervor com o qual a carta fora escrita. Havia marcas profundas no papel onde a caneta quase o trespassara com a intensidade dos seus traços. E, em segundo lugar, se ele se recusasse a falar com ela depois de a atormentar com aquele feitiço, poderia ficar tentada a matá-lo.

Talvez aquele último sentimento não fosse exatamente justo. Afinal, o convite fora endereçado à mãe e, provavelmente, ela nunca o deveria

ter aberto. Já para não falar na culpa que sentira por iniciar a correspondência com o Sr. Silver meses antes da morte da mãe, esperando reconectá-los para conseguir exatamente aquele tipo de convite. Ela enviara seis cartas, assinando cada uma delas com o nome de Tessie Grimm. Mas quando finalmente recebera uma carta em resposta, a mãe partira…

Alguém bateu à porta do compartimento, sobressaltando-a e interrompendo-lhe os pensamentos.

— Menina Grimm — cumprimentou educadamente o funcionário familiar, com o seu forte sotaque italiano caloroso. Tinha cabelos escuros volumosos e um rosto jovem. Tinham partilhado algumas breves conversas durante a viagem, uma interrupção simpática da solidão enlouquecedora. — Deseja que lhe embrulhe uma refeição para levar?

Genevieve abanou a cabeça. Estava demasiado entusiasmada para comer.

— Não, obrigada, Luca. Mas se me puder ajudar com uma das minhas malas, ficar-lhe-ia bastante grata.

Luca acenou com a cabeça, baixando o queixo.

— Com certeza, Menina Grimm.

Ele deu um passo em frente para pegar na maior das malas e saiu de novo para o corredor, parando para que ela o seguisse. Ela não se preocupou em demorar-se ou olhar para trás para o pequeno compartimento abafado, limitando-se a seguir Luca pelo corredor estreito, aliviada por finalmente estar a seguir em frente. Enquanto caminhavam, bateu com a anca na mala e na parede de maneira desconfortável, os nós dos dedos a baterem dolorosamente nos painéis de madeira quando ajustou a mão. Se havia algo que a irritava neste continente era o facto de tudo ser demasiado pequeno para as suas curvas amplas e para o espaço que ocupava.

Olhando por cima do ombro para se certificar de que não havia ninguém atrás de si, desenrolou um pouquinho da sua magia e estendeu-a pelo braço esquerdo até à mala que levava na mão, fazendo com que esta — e o punho — desaparecessem por completo.

Quando Genevieve e Luca finalmente chegaram à frente do comboio, ela devolveu a mão e a bagagem ao seu estado sólido, antes que

a pequena multidão de passageiros e funcionários visse algo estranho. Com um sibilo suave, as portas do comboio abriram-se, revelando a estação agitada, aninhada no meio de uma cidade cheia de charme, sendo a moda colorida das multidões e a fragrância floral que se sentia no ar os sinais mais evidentes da primavera, apesar do céu subitamente nublado acima. A brisa fresca atingiu-lhe a pele com intensidade, revelando como a estação do ano era ali tão diferente da de Nova Orleães. Mais vibrante.

Deixou que Luca descesse para a plataforma gasta à sua frente e esperou que ele pousasse a segunda mala no chão antes de lhe permitir que a ajudasse também a descer. Ele fez-lhe uma pequena vénia enquanto ela retirava um maço dobrado de notas novinhas em folha da carteira dourada presa à corrente que trazia em volta da cintura sob a capa.

Um sorriso caloroso formou-se no rosto dele quando ela lhe colocou a gorjeta na palma da mão.

— Foi um prazer conhecê-la, Menina Grimm. Vou sentir falta da sua companhia excêntrica.

— Fico destroçada por si — disse ela com sinceridade, debruçando-se para pegar nas duas malas, pronta para deixar o comboio para trás de vez. — Tente não cair numa depressão muito profunda com a minha ausência evidente da sua vida.

Ele riu-se quando ela se virou e avançou pela multidão de viajantes espalhada pela estação, em direção a uma fila de homens de uniformes impecáveis, junto à entrada. Passou os olhos por cada um deles com falsa admiração e esperou para ver quem morderia o isco.

O primeiro a ceder foi um homem de meia-idade com uma barba espessa e uma bengala nodosa.

— *Hai bisogno di un passagio, bella ragazza?* — perguntou ele.

— Lamento — respondeu Genevieve —, mas não falo italiano muito bem. Por acaso fala inglês?

— Inglês, não — disse ele, abanando a cabeça. Levantou a bengala e apontou para outro condutor a algumas carruagens de distância, à esquerda. — Morello.

— *Grazie* — agradeceu ela, apressando-se então em direção ao outro homem.

Aquele homem era bonito, apenas um ou dois anos mais velho do que ela, com cabelos escuros penteados para trás e olhos cor de avelã cujos cantos enrugavam quando sorria. Coisa que fez quando ela se aproximou.

— É o Morello? — certificou-se, lançando-lhe um sorriso lisonjeador.

— Sou — disse ele. — Como posso ajudar?

Ela largou as malas aos pés dele.

— Quero ir para uma morada a alguns quilómetros fora da cidade. Tenho um mapa com todos os pormenores.

Genevieve pegou num mapa desenhado à mão que também roubara de entre as recordações da mãe e mostrou-lho. Ele mordeu o lábio e, por um segundo, ela perguntou-se se talvez ele não a compreendera devido ao seu sotaque, mas quando os olhos dele se viraram para a direita, na direção de um pai e um filho que se despediam com um abraço, ela percebeu que ele estava apenas a ponderar a sua questão.

Um guincho soou acima deles.

Genevieve olhou para o céu, lançando um olhar furioso ao trio de corvos que a sobrevoavam em círculos.

Estou a tentar!, quis gritar-lhes.

Desviou o olhar das criaturas e aclarou a garganta para recuperar a atenção de Morello, assegurando-se de que as suas próximas palavras jorrassem com o tipo de sotaque sulista adocicado que parecia sempre hipnotizar os alvos em que punha a sua mira.

— Prometo dar uma excelente gorjeta — disse ela. — Provavelmente, é um pouco mais longe do que está habituado a conduzir, mas significaria tudo para mim se me pudesse fazer esse favor.

Os olhos cor de avelã de Morello arregalaram-se com a expressão suplicante no seu rosto, ficando ligeiramente vidrados, e Genevieve soube que estava prestes a conseguir o que queria.

Com um aceno de cabeça vigoroso, ele debruçou-se para pegar na bagagem. Olhou de relance para a mão dela, claramente à procura de uma aliança, enquanto dizia:

— Não há problema, Menina…?

— Grimm — forneceu ela.

— Menina Grimm — repetiu ele. — Siga-me.

Passaram-se quase três horas até a carruagem finalmente começar a percorrer o longo e sinuoso caminho de acesso à propriedade de Barrington Silver. Genevieve abriu a cortina de veludo que cobria a janela da carruagem e espreitou lá para fora, apreciando a paisagem romântica que se estendia à sua volta. As aves continuavam a voar um pouco mais à frente, vigiando-a através de um céu muito mais límpido do que o que cobrira a estação de comboios.

Ao menos estão calados agora, pensou enquanto o seu olhar recaía de novo no horizonte.

Aninhada entre as colinas verdejantes do campo, a vinha revelava-se como uma tela da melhor arte criada pela natureza. Filas e filas de videiras em socalcos estendiam-se sobre campos meticulosamente aparados, com árvores floridas a acrescentar manchas coloridas em todas as direções, enquanto o sol dourado se infiltrava pelos seus ramos. Conforme a carruagem continuava a descer o caminho, começou a ver-se um imenso portão. Os pormenores ondulados do metal prateado eram tão intrincados que quase obscureciam o nome escrito no interior do desenho ornamentado.

Enchantra.

A carruagem parou, e Genevieve ouviu Morello chamar por ela, confuso. Quando a porta da carruagem se abriu um instante depois, os olhos dele transbordavam de preocupação.

— Menina Grimm, receio que as suas indicações pudessem estar erradas.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Como assim?

Ele ofereceu-lhe uma mão para a ajudar a descer da carruagem, fazendo barulho com as botas ao calcar a gravilha.

Um instante depois, estavam perante o portão prateado. Os olhos dela percorreram os caules espinhosos entrelaçados nas barras de aço e que se estreitavam em peculiares bagas roxas que pendiam nos espaços entre o metal e que enchiam o chão aos seus pés.

Genevieve voltou a retirar o convite do bolso, com Morello a observá-la com uma curiosidade atenta, e, tal como pensara, os caules e bagas eram precisamente os mesmos gravados no selo de cera.

— É definitivamente o lugar certo — confirmou Genevieve a si mesma.

Morello olhou do envelope para a propriedade para lá dos portões.

— Mas…

E ele tinha razão. Havia um *mas*, absolutamente.

Para lá dos portões, até onde a vista alcançava, não havia nada senão um extenso campo vazio.